Homens prestimosos de Portugal

Conselheiro Ernesto Driesel Schröeter

Fachamos a vontade ao Homem, Faça-se a vontade ao grande, ao prestante cidadão portuguêz: não elogiemos a sua obra formativa! Não adjectivemos a sua incomparável Sabedoria, a sua grande modestia, que tem sempre limpôre do seu nobre caracter. Não pretendemos, não consente disso, o seu espírito, que o nome de Conselheiro Ernesto Schröeter fôsse, também, um das adjectivações elogiosas, lugar para o qual foi nomeado, também sem o ter solicitado, pelo insigne Ministro Mariano Feio, o Sr. Conselheiro Ernesto Schröeter.

Queremos ainda referir-nos à missão que, com brilhantismo, desempenhou, de Presidente da Exposição do Rio de Janeiro em 1908, sendo publicado, então, em livro, todas as actas da comissão, e todas elas o Sr. Conselheiro Ernesto Schröeter assinou, sem a menor hesitação, a consideração que lhe merecia o Comércio Português, representado pelo nosso conselheiro Schröeter.

Tendo, mais tarde, surgido divergências, resolveu dar a sua demissão e não assinou, em seguida, as deliberações das ocasionais circunstâncias que se Assembleia Geral, por o seu nome, a grande modestia, que tem sempre limpôre do seu nobre caracter, não permitiu, não consente disso, o seu espírito, que o nome do Conselheiro Ernesto Schröeter fôsse, também, um das adjectivações elogiosas, lugar para o qual foi nomeado, também sem o ter solicitado, pelo insigne Ministro Mariano Feio, o Sr. Conselheiro Ernesto Schröeter.

Convidado pela Câmara de Comércio Anglo-Portuguesa, para a sua inauguração, em 1909, como Presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, em 1910, sendo publicado, então, em livro, todas as actas da comissão, e todas elas o Sr. Conselheiro Ernesto Schröeter assinou, sem a menor hesitação, a consideração que lhe merecia o Comércio Português, representado pelo nosso conselheiro Schröeter.

Tendo, mais tarde, surgido divergências, resolveu dar a sua demissão e não assinou, em seguida, as deliberações das ocasionais circunstâncias que se Assembleia Geral, por o seu nome, a grande modestia, que tem sempre limpôre do seu nobre caracter, não permitiu, não consente disso, o seu espírito, que o nome do Conselheiro Ernesto Schröeter fôsse, também, um das adjectivações elogiosas, lugar para o qual foi nomeado, também sem o ter solicitado, pelo insigne Ministro Mariano Feio, o Sr. Conselheiro Ernesto Schröeter.

Sr. conselheiro Ernesto Driesel Schroeter, antigo ministro da fazenda no conselho Dr. João Franco, 1906-907 e um dos mais prestigiosos conhecedores e homenagiados financeiros e comerciais da nossa Pátria.

giosas à minha pessoa. Não as mereço.

Faça-se a vontade ao Homem. Faça-se a vontade ao grande, ao prestante cidadão portuguêz: não elogiemos a sua obra formativa!

Limitemo-nos a simples notas, e essas foram tomadas compulsando o *Diário das Sessões* da Câmara dos Deputados e os vários documentos públicos dispersos por toda a parte, cujas leituras e fazulada a toda a gente.

E esses documentos dizem que S. Exª filho de José Schröeter e de D. Amália Driesel Schröeter e que nasceu, em Lisboa, a 7 de Março de 1849.

Só quero que dissessemos isto, o nosso ilustre amigo.

Mas seria pouco.

Pois, mesmo contra a sua vontade, mas pelo respeito que devemos à nossa mãe, sem nos importar com o espaço tomado, informamos mais que o Sr. Conselheiro Ernesto Driesel Schröeter começou a sua vida comercial aos 16 anos de idade, tendo um largo conhecimento das línguas: alemã, francês, inglês e espanhol, sendo já, nessa altura, seu principal prazer o estudo de assuntos económicos, aos quais destinava a sua primeira atenção e cuidadoso estudo.

Que, pelo seu caracter impoluto, pela afabilidade do seu trato, logo de início da sua carreira comercial conquistou a estima do corpo comercial e a confiança um sólido crédito entre os homens da finanças de então.

Conhecendo dos poderes públicos as suas aptidões, logo se pretendeu utilizá-las em trabalhos que se ligavam com a economia geral do país, e logo o distinto estudado, Amigo Navarro, na sua criação do Conselho Superior de Comércio e Indústria, o nomeou vogal dessa instituição.

Não quis o conselheiro Schröeter recusar aceitar esta nomeação e o seu Conselho tem sempre pertencido, e em assuntos de maior importância, por relator de inúmeros processos que se ligam com a situação económica do País. Em inúmeras outras comissões que particulares quere em serviço do Estado, o Sr. conselheiro Schröeter trabalhou sempre com a cuidadosa atenção e estudo, que acompanhou sempre os seus trabalhos.

Pertencem, durante anos consecutivos, à Junta dos Repartidores, e fez parte dos corpos gerentes da Associação Comercial de Lisboa, durante anos, ocupou o lugar de seu presidente, tendo recebido, ultimamente, mais tarde, a muito merecida nomeação de seu Presidente Honorário.

Também pertenceu, durante a sua longa carreira comercial, entre outras, as seguintes instituições: Banco Comercial de Lisboa, como director e presidente da sua assembleia geral; no Banco de Portugal, como director, e pelos diferentes Ministros da Fazenda nomeado seu Vice-Governador; e, ultimamente, ainda, e, ultimamente, ainda, e, ultimamente, ainda, demonstrou cuidadosa atenção aos problemas que lhe estavam confiados e ao enorme trabalho ocasionado durante a crise financeira que criou enormes dificuldades no Banco.

Nomeado, pela Administração, para a Londres comercialmente com os capitalistas ingleses que estavam refinando ao Banco os seus créditos, conseguiu-os e renovação desses créditos, e, em nos com exceção de um deles.

Como reconhecimento aos trabalhos e sacrifícios feitos em prol do País, foi-lhe dada a Grã-Cruz de Cavaleiro, tendo com a Gran Cruz de Nossa Senhora da Conceição e a Grã-Cruz da Legião de Honra; e, pelo Rei, o senhor D. Carlos, lhe foi oferecido o título de Conde, honra que não aceitou por querer continuar a usar o seu nome comercial, o qual, é certo, mais o honrado.

Também lhe mereceram especial atenção os assuntos que se ligavam com a Fazenda Nacional e, como vogal de Conselho de Tarifas, interveio na organização e alteração de Tarifas Ferro-viárias, e, mais tarde, ao mesmo tempo, administrador da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, lugar de que deu a sua demissão por não concordar com a forma administrativa que era seguida.

Mais tarde, quando da organização do Caminho de Ferro de Sotoril foi eleito Presidente da Assembleia Geral, lugar que atendeu dever deixar, por sua saúde assim o exigir, resebendo, contudo, de Assembleia Geral, a honrosa nomeação que muito apreciou, de Presidente Honorário.

E agora, que só fizer as notas da sua vida pública, sem um elogio, como elogio do conselheiro Schröeter, apresentar S. Ex.ª os nossos cumprimentos, com sincero desejo de longa vida

A. J.º

Aos mortos do concelho

«O Dever», ao relemar contacto com o mundo exterior, curva-se, comovida, perante a sepultura dos que, naqueles dos nossos concelho, foram levados para morrer, desde 1918 até hoje, quer durmam o derradeiro sono em terra da Pátria, quer descansem em paralelos, sem fronteiras, dos por terra ou abaixo ao mar.

Este prato sincero, de sincera saudade, e extensivo aos colegas, colaboradores, assinantes, assinantes e colaboradores de «O Dever» que tendo nos honrado sempre com sua leal cooperação, a morte lhes ceifado no mesmo lapso de tempo.

FIAT LUX

UM CONCELHO QUE RESSURGE

Um govêrno que dá alma a um povo amortecido

Montemór-o-Velho, histórico e lendário, valente e audaz, deseja viver ligado às suas nobres tradições de patriotismo.

Freguesias rivais e freguesias amigas, disputam, entre si, o melhor lugar no campo das melhorias e dos beneficios públicos, mas, unidas, sabem ser leais.

A electrificação constitue um passo decisivo na senda do progresso e é o acto de interêsse colectivo mais importante que a história do Concelho regista

Viva a Pátria! Viva a Republica!

O nosso Concelho vive, hoje, uma das suas páginas mais gloriosas dêstes últimos séculos. Se nossos avós foram valentes, batalhando na defesa da Terra-Mãe, morrendo pelejas, aqui e ali, para nos legarem o país em que o custou a conquistar, também hoje os homens que dos governam, dando alento e fôrça aos homens que dirigem os municípios e as autarquias locais, não são batalhadores menos dignos, nem menos valentes do que os antepassados.

E os governantes das autarquias e dos municípios, aproveitando bem, e conscienciosamente, a fôrça e o apoio vindos do povo, tornam-se, da mesma maneira, credores da simpatia pública e passam, como os primeiros, à história da civilização e do progresso dos povos.

Montemór-o-Velho vive ligado à alma da nacionalidade, desde a fundação do país. O Concelho de Montemor-o-Velho foi rico e foi grande. Dominou vastos terrenos, aos sul e por todo o litoral, até Ovar. Chamavam-lhe *terras do Infantado*. Cobriram-no de benesses e de honrarias.

E', pois, uma grande partícula de Portugal, como que o complemento dêste, pelas afenidades étnicas, monográficas e históricas.

Tinha direito a ser olhado com carinho.

Por isso o Estado Novo, reconhecendo êsse direito, ajudou a dotar dos vários melhoramentos que, hoje se inauguram: escolas, cabinas telefónicas, fontes, lavadouros públicos, e, principalmente, a luz eléctrica, que fica como um marco milenário na história do Concelho dêstes últimos cinco centos de anos.

Um capitão do nobre exército português, José Fernandes Moreira, ladeado por seus diregas, estando, há anos, na chefia do concelho, lembrou este melhoramento.

Não poderam executar o plano, o sublime sônho que acalentou as suas almas ardorosas de grandes portuguêses, porque outros serviços publicos, mais urgentes, a dar o seu valimento e o concurso da sua inteligencia e do seu grande patriotismo.

Veio outro capitão, não do nobre exército português, mas da aguerrida e valorosa gente lusitana, e, pedindo o seu valimento e o concurso da sua inteligencia e do seu grande patriotismo.

Tudo venceu.

E agora, que se fez luz, que alguns lugares humildes do Concelho, como as suas freguesias mais populosas, já podem acender lampadas e lampiões, e, pelas ruas, ridão prás suas casas e prás coisas, só nos resta abraçar os homens aos quais se deve este grande passo na esteira do progresso, que o governo da República sem cuja auxílio todos os esforços seriam baldados.

Pela Pátria!
Pela República!
Pelo Concelho!

A. J.

O nosso "Dever,,

e O «DEVER»... dos outros

Várias foram as amarguras porque passámos para ver, espalhado por esse mundo fora, o nosso *Dever*, o jornal do concelho, o jornal do Povo, o jornal nosso terra, como varias e dolorosas foram as contrariedades que vivemos para, enfim, o manter 6 anos.

A todo êste sofrer,

Fizemos o que pudemos fazer, fazemos o que é possível.

Agora mesmo, com êste número especial, se o destino nos não permitir o cumprimento da nossa vontade, ficará, também sofremos vissicitudes de fazer êste número.

Nada, porem, nos deteve, no nosso caminho, para um preciso homenagear o nosso concelho.

E se não desenvolvemos os assuntos e problemas que, ultimamente, e noutras freguesias, como Verride, Pereira, Formoselha, Arruinaria, etc., e porque, sobretudo em Verride, encontramos uma obstinada indiferença e um despêito bem mesquinho, não possíamos, nas posses que podiam e deviam ajudar-nos.

Publicou-se, ha tempos, no nosso honrado jornal, o que se passou em duas freguesias e uma páginas aliás, bem escrita.

Prelendemos servir-nos dos mesmos elementos e, conhecedores de que o *Dever*, prior, Sr. Daniel Tavares, era a pessoa indicada para prestar, a sua fôrça, essa, não só porque é o prior, dirigimos e dele recebemos, em certa ocasião, um valioso auxílio.

Causados de esperar o prometido, vemos a saber, por informação de sua Ex.ª que, não fazendo parte da *Liga Rec.ª Arciprestal da Figueira da Foz*, *Pedro Pereira*, e *fez de nosso pretendido, verificou que na redacção do «O Dever», o texto, tanto de comentamento pelo facto de ser publicado, hoje, um jornal com o mesmo título.*

Foi esse, pois, o motivo porque o Sr. Padre Daniel Tavares, de Verride, falhou ao compromisso de auxiliar-nos, pois, não fazendo parte, também, um dos seus valiosos serviços.

Correios, Telegrafos e Telefones

Soberbas manifestações da sua vitalidade

Por amável deferencia do sr. engenheiro Couto dos Santos, Diretor Administrador Geral dos Correios, Telegrafos, a seguir publicamos uma nota das localidades do distrito de Coimbra, onde foram instalados postos telefónicos públicos e estabelecidas redes telefónicas urbanas, a partir de 1926, com indicação do comprimento dos respectivos circuitos e custo, da sua instalação.

Postos publicos:

1926 — Condeixa, 15.000 kms. custo 1.000$00 — Ançã de Louã, 30.852 kms. custo 1.000$00 — Ançã de Cima, 27.... — Ervedal, 41.... kms. custo 128 852$40 — Vila Nova de Poiares, 12.000 kms. custo 1.000$00 — Taboa, 20.000 kms. custo 1.000$00 — Ponte de Mucela, 26.412, 68.032$50

1929 — Ançã, 2.600 kms. custo 12.000$00 — Cantanhede, 22.000, 33.000$00 — Cheles, 7.500$00 — Montemór-o-Velho, 24.700, 43.000$00 — S. João do Campo, 8.000, 20.000$00.

1930 — Mangualde, 1.000 kms. custo 8.850$00 — Souse, 17.000, 44.750$00 — Tentúgal, 12.000 kms. custo 1.000$00 — Ourentã, 11.731, 27.827$00 — Bertel de Aveiro, 12.000 — Candosa, 6.360, 15.900$00 — Carnache, 1.000 kms. custo — Coja, 8.782, 21.955$00 — Folques, 6.975, 17.437$50 — Pereira, 20.000, 34.272$00 — Pomares, 6.540, 16.350$00 — Pera d'Arcuce, 3.710, 14.270$00 — Oliveira do Hospital, 27.567, 48.971$50 — Seixo, 12.110, 30.275$00 — Ponte da Mucela, 3.300, 13.200$00 — Midões, 7.430, 18.575$00 — S. Martinho da Cortiça, 24.774, 56.237$50 — S. Miguel de Poiares, 4.276, 10.690$00 — S. Pedro de Alva — 7.620, 19.050$00 — Vila Cova de Alva, 9.348, 14.020$00.

1932 — Celavisa, 4.000 kms. custo 10.000$00 — Erreciá, 4.739, 11.847$50 — Pereira, 7.000, 16.800$00 — Formoselha, 6.000, 1.500$00 — Lagares de Bem, 3.016, 12.546$00 — Mira, 15.769, 40.676$50 — Pereira, 15.400, 38.500$00 — Vila Nova de Mira, 4.128, 10.782$00 — Pombeiro, 8.000, 20.000$00 — Vila Nova da Ceira, 8.469, 9.757$00.

1933 — Alhadas, 9.323 kms. custo, 21.307$50 — Alcaias, 8.220, 15.550$00 — Alhandra, 4.210, 10.775$00 — Arazede 8.550, 22.275$00 — Arnas, 4.... — Arnas, 4.... — Arnas, 4....